

Iniciação à loucura

Fauzi Arap*

Fauzi Arap é um homem de teatro. Começou a carreira como ator, nos idos de 1961, com o grupo que fundou o teatro Oficina, em São Paulo. Os mais velhos ainda se lembram de sua brilhante atuação em *Os Pequenos Burgueses* e *Andorra*. Mas a sua carreira de ator foi curta. Em 1967, passou a diretor. Foi responsável pelas montagens das peças de estréia de Plínio Marcos (*Dois Perdidos numa Noite Suja* e *Navalha na Carne*) e José Vicente (*O Assalto*), além de ter dirigido os mais expressivos shows de *Maria Bethânia*.

Em 1975, estreou como autor, com *Pano de Boca*, e firmou sua atuação nessa área com *Um Ponto de Luz*, *Mocinhos Bandidos* e,

recentemente, *Quase 84*.

Para ele, a palavra dita as regras da realidade. A palavra dita as regras dos papéis que vivemos e da ficção. E, através da palavra, Fauzi Arap nos traz fragmentos de sua fantástica viagem pelo mundo da loucura.

Em 1971 e 1972, Fauzi trabalhou no Rio de Janeiro, com a psicanalista junguiana Nise da Silveira, dirigindo atividades de arteterapia para os internos do Centro Psiquiátrico Pedro II. Os textos que apresentamos aqui fazem parte de um amplo estudo, dedicado à Dra. Nise, que o autor amadureceu lenta e cuidadosamente durante mais de dez anos.

Vamos nos entregar à iniciação.

A vida pulsa: dia e noite, dentro e fora. Horror é precisar agir quando o ciclo pede um voltar-se pra dentro.

O louco: horror ao fora.

O são: horror ao dentro.

NOSSO TEMPO É DESEQUILIBRADO PRA FORA.

(momento histórico?)

Ação compulsiva de muitos, contrapontuada pela parada compulsiva de poucos.

O LOUCO É MINORIA.

* Fauzi Arap é ator, diretor e autor de teatro.

A loucura espelha objetivamente o desequilíbrio inerente à ordem total extrovertida: a introversão total. O materialismo não deixou espaço a religião, querendo abranger tudo com a ciência.

A desconsideração do mundo interno na cultura contemporânea é causa direta da loucura.

Não existe sistema político capaz de absorver o louco. Ele não escapa nem da direita nem da esquerda.

Os sistemas sociais primitivos, como no caso dos negros e dos índios, continham em si o dispositivo capaz de lidar com ele — a religião. O homem branco (ocidental?) perdeu-se de suas origens, e a linguagem objetiva, científica materializa uma esquizofrenia social, e para manter-se alheio ao problema, sacrifica indivíduos aos ídolos contemporâneos tais como a tecnocracia, a economia, a produtividade, as ideologias, etc., etc.

No Comunismo praticado em partes do mundo, a opinião (dissidente) individual é identificada com loucura.

No mundo capitalista, a desabilitação para a competitividade necessária também conduz ao hospício o sujeito desintegrado.

A cura individual é possível, mas só quando se reconhece a natureza coletiva (social) do problema.

A repressão é contra todos.
E a divisão é de cada um.

A tentativa de exterminar fora de nós aquilo que na verdade se oculta dentro conduz ao fascismo, a nível político, ou ao fanatismo, a nível religioso.

A ciência exerce uma espécie de fascismo do mundo objetivo contra o subjetivo.

A repressão é luta para manter as aparências.

A DOENÇA MENTAL É UMA **DENÚNCIA**.

A LOUCURA DESMASCARA A
VIOLÊNCIA QUE A SOCIEDADE
EXTROVERTIDA PRÁTICA CONTRA SI,
SOMENTE VALIDANDO COMO
REALIDADE O QUE É MATERIAL, O
QUE É FACTUAL, O QUE É CONCRETO.

ANTI-SUBVERSÃO

O silêncio não é uma greve
a ausência não é deserção
nem ameaça nem violência.
O exílio não é geográfico
nem a subversão voluntária.

Toda transformação implica **um salto**
qualitativo, onde se atravessa o nada, o vazio.

Não há como transformar-se, sem morrer para
o que se era antes.

A MORTE INICIA.

Morrer significa não planejar
e significa des-cobrir.
Morrer significa não ter mais **futuro**,
e por isso, reconhecer
o eterno presente
oculto atrás da face do agora.
Morrer é ver através.

A morte é um desligar-se do tempo,
da linearidade da duração.

A MORTE TORNA O ABSOLUTO
PRESENTE.

A loucura parece com a morte.

MORTE NÃO É AUSÊNCIA.
MORTE EM VIDA SIGNIFICA
DESIDENTIFICAR-SE.

O indivíduo que “morre” para a
personalidade descobre-se vida no **espaço** —

um ESPAÇO MÃE, análogo ao útero materno, mas de natureza cósmica.

O “espaço” interior é a-temporal (*science fiction*) viagem no tempo e o encontro do tesouro, a história real. (“A verdadeira história da humanidade está presente nas células anímicas de cada um” — JUNG)

Quem é capaz de morrer para a personalidade vivencia em si o além: as leis cósmicas ocultas que regem a vida da superfície. Há uma espécie de revelação. Incomunicável. Impossível a representação segundo critérios da superfície. Os mistérios falam uma linguagem poética, e somente por analogia, pode-se construir um mapa.

INICIAÇÃO é arqueologia.

Nos desvãos do subsolo, descobrimos que todas as palavras designam coisas ou estados ou entes reais. TUDO existe. Fantasmas, duendes, fadas, Deuses, anjos, passado e futuro.

A hipótese antipsiquiátrica, que vislumbra na coragem de aceitar a espontânea viagem, o caminho de cura, somente revela meia verdade.

Muitas são as cidades, muitos são os países, muitas as estradas e os descaminhos do mundo interior. Não basta aceitar perder-se para chegar, ou para se ter a certeza de que se chegará algum dia.

O número de possibilidades, de “lugares”, de estados de consciência possíveis é refletido no plano externo pelo enorme número de associações que pretendem dominar ou controlar tais acessos.

As seitas, as escolas esotéricas, a psicanálise, as muitas religiões, todas elas apontam vagamente na mesma direção, apesar de

adotarem sistemas diferentes de disciplina e de ensino.

O fascínio e o terror que provocam a loucura se prendem ao próprio fato dela tangenciar a vocação mais profunda do ser humano: sua vocação religiosa. (RE-LIGARE, a busca de seu centro imortal, seu *selbst*, seu si mesmo.)

Os indivíduos que se comprometem conscientemente com a aventura interior sabem que devem conservar na aproximação do “desconhecido” um porto seguro, um referencial, sua identidade humana. E que não devem abdicar de sua responsabilidade social, mas ao contrário, chegam a perceber que, de alguma forma, o novo conhecimento individualizado a que tiveram acesso os compromete mais ainda com o outro e com o grupo humano ao qual pertencem. Chamados de “místicos”, eles sabem que devem sujeitar-se a uma direção e disciplina no que tange à vida pessoal, para alcançar seu objetivo de comunhão com o absoluto e conservá-lo.

O homem pessoal, protegido por sua própria ignorância, contenta-se com sua vida comum, e não pretende ir além disso.

O louco, numa espécie de “suicídio psicológico”, tem acesso involuntário a esse tipo de saber, mas perde-se do CHÃO sobre o qual seria possível caminhar. Ele tenta chegar, sem ir. Desiste do corpo e da responsabilidade que ele implica e se DES-PERSONALIZA.

A CURA IMPOSSÍVEL:

A última prisão dupla que vitima o esquizofrênico é a tentativa de cura — quando tenta a confirmação de sanidade justamente com quem o “exilou”: a maioria.

Desencontro — ele é convidado a compactuar com a OPINIÃO GERAL de que seu INTERIOR não existe: as vozes, as

alucinações e todo o resto devem ser esquecidos, chamados “a doença”. Mas nada é explicado. O mais forte dá as cartas. Marcadas. As regras do jogo são TEATRO. E a ele cabe o personagem absurdo: o louco. Para não ser o louco, resta o silêncio, o não personagem. Querem dele o drama psicológico, a normalidade cotidiana, a volta ao passado. Não pode. Está perdido dentro. Ninguém pode desistir de si, de sua vocação. O curador é hábil. Ele também não sabe. Mas, sabe, sim, permanecer em silêncio. Como se soubesse. O silêncio de um é doença, e o do outro não o é. Ele percebe o desencontro total, mas não tem palavras para desmascarar o terrível jogo demoníaco no qual se envolveu. Cada vez mais encurralado tenta não estar, tenta não ser, tenta escapar. O silêncio aparente se enche de vozes que ele inconscientemente anima em sua autocensura — seus fantasmas mais terríveis. Como não acreditar que está “louco”?

A arte abre uma porta no que tange a resolver as duplas prisões originais, que paralisaram o sujeito, no que tange a COMUNICAR-SE.

Todas as artes, do desenho ao psicodrama, e mesmo a literatura, se prestam excelentemente como veículos de EXTROVERSÃO ARTIFICIAL. Na arte, expressar-se não significa um compromisso imediato com a realidade concreta, e mesmo sentimentos violentos em vários níveis podem ter lugar, resolvendo-se sem ameaçar o indivíduo com sua natureza anti-social. É preciso que o indivíduo compreenda que a nível de arte vale tudo. Que ele não se mantenha timidamente desenhando apenas o conveniente, mas justamente ouse expressar mesmo o proibido a nível do socialmente aceitável. E que possa experimentar o alívio dessa extroversão.

**A ARTE É O TRUQUE DO
INTROVERTIDO PARA CABER NUM
MUNDO DE EXTROVERTIDOS.**

